

## FUTEBOL: RACISMO, IDENTIDADE NACIONAL E USO POLÍTICO

### FOOTBALL (SOCCER): RACISM, NATIONAL IDENTITY AND POLITICAL USE

Rui Ribeiro de CAMPOS<sup>1</sup>

#### RESUMO

*O artigo procura relacionar o futebol e a história brasileira do século XX, e demonstrar que ele é um fenômeno que traduz a cultura brasileira, nos identifica, estando nele presentes o racismo, a desigualdade social, a manipulação política, o orgulho nacional. Hoje, além de ser um grande negócio, tem sido apropriado por grandes corporações internacionais e continua provocando mudanças de comportamento em diversos países.*

**Palavras-chave:** futebol brasileiro, racismo, manipulação política, nacionalismo

#### ABSTRACT

*The article relates soccer to the Brazilian history of the twentieth century and shows that it is a phenomenon that translates the Brazilian culture, identify Brazilian people, has racism present in it, social inequality, political handling and national proud. Nowadays, despite being great business, it has been managed by great international corporations and it still goes on causing changes in behavior in various countries.*

**Keywords:** brazilian'soccer, racism, political handling, nationalism.

#### APRESENTAÇÃO

*“O futebol é um reino da liberdade humana exercido ao ar livre.”*

(A. Gramsci)

Criado em 1863, na Inglaterra, o *foot-ball* aqui chegou 31 anos depois, quando um estudante

paulista trouxe de lá bola e regras. E chegou para ser praticado pelos ricos: era elitista, racista e excludente. No início do século XX, ocorreram os primeiros campeonatos, em clubes fechados ou em colégios particulares, e deles só participavam brancos ricos. A distância, os pobres viram e apreciaram. As regras são de fácil entendimento (e são somente dezessete

---

<sup>(1)</sup> Mestre em Educação, doutorando em Geografia na Universidade Estadual Paulista – campus Rio Claro (SP), professor nos Cursos de Geografia e História do Instituto de Ciências Humanas da PUC-Campinas. E-mail: Ich@acad.puccamp.com

regras oficiais), pode ser jogado ao ar livre (o que, num país tropical, significa que pode ser jogado o ano inteiro), pode ser praticado sem equipamento especial nas ruas, nas várzeas, em qualquer terreno baldio e, se não existir uma bola, qualquer objeto pode se transformar numa, mesmo não sendo cilíndrico. A regra pede onze jogadores de cada lado, mas o número pode ser combinado antes do jogo, assim como o tempo de duração, o tamanho do campo, a altura do travessão invisível. E podem participar crianças, adolescentes e adultos (misturados), gordos e magros, altos e baixos, fortes e fracos, analfabetos e escolarizados, solteiros e casados. Um esporte sob medida para os pobres, apesar de alguns preconceitos dos mesmos em relação aos mais pesados e aos *pés-rachados*, que eram encaminhados para a função de *goalkeeper* nas peladas ou rachas.

Num país intensamente miscigenado como o Brasil, o fato de o futebol não exigir um biotipo especial e poder ser praticado praticamente em qualquer lugar, colaborou na sua democratização. Para jogar basquete ou vôlei há necessidade de ser alto; para jogar futebol há necessidade de gostar de fazê-lo, e é possível ser um craque até com as pernas tortas, como ocorreu com Mané Garrincha. Por essas, e outras razões, o futebol se transformou num fenômeno que traduzia a cultura brasileira e nos identificava. Entrou na vida das pessoas, tornou-se a religião de alguns, a válvula de escape do sofrimento de muitos, o pouco do que podíamos nos orgulhar e, por tudo isso, freqüentemente manipulado pelas elites dirigentes.

Infiltrou-se na linguagem do dia-a-dia, saindo dos gramados para os outros setores.

*"Qualquer trama é uma 'jogada'. Fazer algo bem-feito é 'marcar um gol de placa'. Deixar de resolver um problema é 'chutar para o alto' e salvar uma situação é 'colocar para escanteio'. E por aí vai. Quem está a perigo vai para 'a marca do pênalti'. Dar uma mancada é 'pisar na bola'.*

*Quem é ríspido 'entra de sola' e tudo termina no 'apito final'."* (Cardoso 1998, 59)

Responder uma prova sem saber é *chutar*, e responder inadequadamente ou falar o que não deve é *dar uma bola fora*. Em outros aspectos de nossa cultura é fonte de inspiração e/ou objeto de homenagem. Na música popular inspirou o batuta Alfredo da Rocha Viana Jr., o talentoso Pixinguinha, a compor o belo choro "*Um a Zero*" para celebrar o nosso primeiro título internacional<sup>2</sup>; Milton Nascimento e Fernando Brant a comporem, em 1970, para o filme "*Tostão, a fera de ouro*", o samba "*Aqui é o país do futebol*"; Chico Buarque a homenagear, em 1989, seus ídolos Mané, Didi, Pagão, Pelé e Canhoteiro na música "*O futebol*"; em 1997 levou o grupo mineiro Skank a nos lembrar, na música "*É uma partida de futebol*", quem é que nunca sonhou em ser um jogador de futebol. Isso sem falar em Lamartine Babo, autor de inúmeros hinos de times, de Sérgio Ricardo, quebrando o violão e o atirando na platéia do IIº Festival da MPB, em 1967, que o impediu de cantar "*Beto bom de bola*"; da música "*A taça do mundo é nossa*", de 1958 (de Lauro Muller, Maugeri Sobrinho, Victor Braga e Wagner Maugeri), da homenagem de Jorge Ben a "*Fio Maravilha*"; daquela "*Pra frente Brasil*" (de Miguel Gustavo) de 1970, lema de um triste período (ditadura, "*milagre econômico*", repressão, ...), apesar da alegria do Tri; Gilberto Gil homenageando, em 1973, o jogador *rebelde* (no bom sentido do termo) Afonsinho, na música "*Meio de Campo*"; Carlinhos Vergueiro, em 1999, lançando um CD ("*Contra-ataque*") com diversas músicas sobre o tema ("*Nação Corinthians*", "*Rai*", "*Camisa Molhada*", etc.); e muitas outras.

Muitos intelectuais, apesar da possibilidade de, em determinadas épocas, serem chamados de *alienados*, foram apaixonados pelo *ópio do povo* brasileiro. Um deles, o poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999), nos brindou com um poema sobre um grande jogador palmeirense, Ademir da Guia:

<sup>(2)</sup> "1 a 0" é um choro que procura descrever o gol de Friendreich – nosso primeiro ídolo do futebol – na vitória sobre o Uruguai em 1919; esse gol nos garantiu o título de campeão sul-americano.

*“Ademir impõe com seu jogo  
o ritmo do chumbo (e o peso)  
da lesma, da câmara lenta,  
do homem dentro do pesadelo.*

*Ritmo líquido se infiltrando  
no adversário, grosso, de dentro,  
impondo-lhe o que ele deseja  
mandando nele, apodrecendo-o.*

*Ritmo morno, de andar na areia,  
de água doente de alagados,  
entorpecendo e então atando  
o mais irrequieto adversário.”<sup>3</sup>*

Entre documentários e obras de ficção, o cinema brasileiro já realizou mais de setenta filmes sobre o tema, muitos disponíveis em vídeo<sup>4</sup>. Nos cinejornais, a platéia se arrumava e se agitava quando, no Canal 100, tocava o início da música “*Na cadência do samba (Que bonito é)*”, de Luiz Bandeira. As escolas de samba cariocas demoraram para homenagear o futebol; isso ocorreu somente em 1986 com o samba-enredo “*O mundo é uma bola*” (Beija-Flor, de Nilópolis), seguido, em 1995, com “*Uma vez Flamengo*” (Estácio de Sá) e, em 1998, com “*De Gama a Vasco*” (Unidos da Tijuca). Na literatura, o tema foi tratado, em contos, crônicas e poemas por grandes autores – mas ainda carece de uma obra-prima sobre o tema –; artistas plásticos já fizeram do assunto quadros e exposições temáticas. Mas, o meio acadêmico universitário, talvez por preconceito, demorou muito para fazer do futebol um tema de estudos, análises, pesquisas.

## 1. DE 1894 A 1930

Em outubro de 1894, um paulista, filho de ingleses, que não gostava de *cricket* – o esporte nacional britânico –, chegava da Inglaterra, onde

fora estudar, com duas bolas de couro, livros sobre as regras e sua experiência como jogador. Charles Miller estava nos trazendo um esporte elegante, universitário, burguês e com regras rígidas. E, sem o saber, estava introduzindo algo que se tornaria essencial à cultura brasileira, apesar de banido da maioria dos livros de história. Em 1898, estudantes do Mackenzie College (SP) fundaram o primeiro clube; logo depois, o São Paulo Athletic, clube de ingleses, organizou o seu departamento de futebol. Seguiram outros e, em 1900, surgiram os mais antigos clubes existentes atualmente: o S.C. Rio Grande na cidade do mesmo nome (RS) e a A.A. Ponte Preta em Campinas (SP).<sup>5</sup> O *foot-ball* foi trazido para a elite branca; mas, aos poucos, ao lado de times grã-finos, apareceram times do povo. Os pobres também passaram a gostar e, alguns deles, em 1910, no Bairro do Bom Retiro em São Paulo, formaram um time, copiando o nome de um *team* inglês: Corinthians Paulista. O aparecimento de times populares fez com que muitas senhoras e gente de *bens* comessem a deixar de freqüentar os estádios, ao mesmo tempo que o povo começava a invadi-los. Reflexo do espírito de nossa elite econômica, dada a um mimetismo cultural violento: adota comportamentos estrangeiros, para se distinguir das outras parcelas da população. Assim também atua em outros campos e, por isso, foi sempre contrária ao acesso por muitos daquilo que ela achava que devia ser privilégio de poucos, para os distinguir dos demais.

Além disso, o Brasil no século XX começava a necessitar de cada vez mais gente nas cidades, para trabalhar nas fábricas. Essa gente, em grande parte *importada*, também trouxera algo do exterior: ideologia operária, partidos socialistas, greves. Quando o prefeito “*Bota-Abaixo*” Pereira Passos, com sua reforma urbana na

<sup>(3)</sup> “*Ademir da Guia*”, no livro Museu de Tudo, publicado em 1975. Fonte: MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p. 383.

<sup>(4)</sup> Há filmes sobre Garrincha, Pelé, Tostão, ... ; Amácio Mazzaropi (1912-1981), no filme “*O corintiano*” (1966), conta a história de um torcedor fanático que entra em conflito com os filhos e os vizinhos, e explorando, com humor, a histórica rivalidade entre palmeirenses e corintianos. Há os que relacionam a Copa de 70 e a repressão (“*Pra frente Brasil*”, de Roberto Farias), que contam a história de um jogador do interior que sonha com a consagração num grande centro (“*Asa Branca, um sonho brasileiro*”, 1981, de Djalma L. Batista), documentários sobre a Copa do Tetra (“*Todos os corações do mundo*”, 1995, de Murilo Sales), vídeos de jogadores ensinando o ofício, e outros. Somente em 1998, ano da Copa da França, foram lançados quatro filmes: “*Maracanã, adeus*” (de Adolfo Latermacher), “*O futebol*” (de João Moreira Sales), “*Os mitos do futebol brasileiro*” (de Roberto Moura) e “*Os boleiros*” (de Ugo Georgetti).

<sup>(5)</sup> O primeiro jogo de futebol no Brasil foi, provavelmente, realizado em abril de 1895, na Várzea do Carmo (na cidade de São Paulo) entre dois times de ingleses aqui radicados, da Companhia de Gás e da São Paulo Railway (este último venceu por 4x2). Em 1904, em Paris, foi fundada a FIFA e em 1908 o futebol foi admitido nos Jogos Olímpicos.

capital federal, jogou milhares de pessoas na rua da amargura, muitos deles estavam desempregados devido à crise econômica de 1903-1904. A capital federal ainda era “*colonial em seu traçado e fragmentada em seu tecido social*” (Neves e Heizer 1991, 56) e precisava ser um símbolo da República, da era moderna, da ordem e do progresso. Daí a necessidade de reformá-la quanto ao traçado urbanístico, à distribuição espacial de seus moradores segundo o segmento social a que pertenciam e aos costumes. Espaço para a grande novidade – os automóveis – e higienização: vacina obrigatória contra a varíola e expulsão, via demolição, dos moradores dos cortiços do centro da cidade. Era presidente do Brasil o riquíssimo cafeicultor paulista Rodrigues Alves (1902-1906), que deu amplos poderes ao prefeito nomeado (em janeiro de 1903) e ao novo diretor (março de 1903) da Saúde Pública, o paulista Oswaldo Cruz. Apesar das finanças saneadas pelo governo anterior (Campos Sales), recorreu-se a empréstimos na Inglaterra, cujo valor correspondia a quase metade da receita da União<sup>6</sup> e a empréstimos internos. Em nove meses, foram demolidos 614 prédios.

Oswaldo Cruz começou atacando a peste bubônica: espalhou raticidas, mandou remover o lixo e criou o funcionário comprador de ratos. A 300 réis cada rato, não evitou o surgimento de alguns criadores clandestinos de ratos, mas conseguiu exterminar os ratos e vencer a epidemia. Até aí não houve reação popular. A seguir, iniciou os trabalhos de erradicação da febre amarela combatendo o mosquito transmissor da doença (*stegomya fasciata*), enviando brigadas de *mata-mosquitos* pela cidade, colocando petróleo nos alagados e desinfetando todas as casas. A imprensa rotulou isto de atentado contra o “*princípio da propriedade privada*”, mas os rápidos resultados<sup>7</sup> acalmaram a situação. Faltava o combate à varíola e para este impôs a vacinação obrigatória, aprovada pelo Congresso em 31/10/1904.

A irritação com as obras na cidade, a expulsão de muitos para a periferia, o rápido aumento do custo de vida e a insuflação contra a vacina feita pelos positivistas<sup>8</sup>, fez da vacinação obrigatória o estopim para a chamada **Revolta da Vacina**. Barricadas, levante da Escola Militar da Praia Vermelha, saques, depredações, e reação rápida e dura do governo. Estado de sítio na cidade, centenas de mortes, e tropas governamentais percorrendo a cidade, capturando participantes do motim e desempregados, jogando-os – sem julgamento – em porões de navios e levando-os para o Território do Acre, recém conquistado da Bolívia. Terminava o levante e começava a vacinação em massa. Meses depois, a varíola não dava mais sinais de vida; anos depois, a elite carioca se sentiria numa cidade que, no centro, lembrava Paris, que parecia *um pedacinho da Europa*.

Na destruição da cidade, uma das armas contra a polícia era a capoeira. Como ocorrerá mais tarde com os times de futebol e as escolas de samba, a cidade possuía diversas *malts* de capoeiristas – com nomes, cores, insígnias, admiradores, ídolos –, que foram violentamente reprimidas pela polícia. Nos terrenos baldios situados fora da área remodelada, antigos capoeiristas passaram a jogar futebol; e o governo a estimulá-los, para vencer a capoeira. Mais tarde, a greve de 1917

*“fez ver às autoridades e aos industriais que a cidade precisava de um ‘esporte de massas’. Como a uma criança que se manda brincar ‘para queimar energias’, os operários foram, então, mandados jogar futebol: os municípios isentaram os campos de impostos; os industriais se apressaram em construir grounds; a polícia parou de reprimir os rachas em terrenos baldios; os castigos aos estudantes de escolas públicas que fossem pegos jogando futebol, suspensos.”* (Santos 1981, 22)

<sup>(6)</sup> “... um empréstimo de 136.000 contos (8.500.000 libras), quase a metade da receita da União (312.000 contos em 1903).” (Nosso Século 1980, 34)

<sup>(7)</sup> “... de 469 óbitos em 1903 para 39 em 1904.” (Nosso Século 1980, 36)

<sup>(8)</sup> Os positivistas, civis e militares, participantes do poder nos primeiros anos da República, tinham sido aliados pelos cafeicultores paulistas. Além disso, desejavam um “*governo sociocrático*”, uma “*ditadura republicana*”, com um federalismo que transformasse as províncias em “*pequenas pátrias*”, como sugeria Augusto Comte, e não uma democracia liberal representativa. Chegaram a alimentar um plano de derrubar o presidente e substituí-lo por um “*ditador republicano*”.

O escritor Lima Barreto (1881-1922) dizia que seria o novo “*ópio do povo*” esse esporte “*filho do imperialismo*”, praticado pela nossa burguesia racista pois o “*bolapé*” – era assim que ele o chamava – minava a unidade entre os trabalhadores pelas discussões que provocava entre eles. Mas o bolapé se espalhou pelo país.<sup>9</sup>

Em 1921, já ocorria dispensa de funcionários públicos na hora do jogo, isenção de clubes e campos do pagamento de impostos, e os jornais reservavam grande espaço ao assunto. Neste mesmo ano, chegou-se também a discutir se a seleção nacional, que ia jogar na Argentina, deveria ou não levar negros. Dos times de hoje, o Vasco da Gama foi o “*primeiro time brasileiro a aceitar crioulos no seu plantel.*” (Idem 33) Em 1923, o Vasco disputou o campeonato carioca com um time que possuía negros, mulatos e pobres; foi campeão em 1923 e 1924. Os ricos brancos e grã-finos tentaram resistir e

*“inventaram uma regra especial: quando um branco cometia falta violenta num jogador negro, o juiz marcava falta e o jogo continuava. Quando o negro cometia falta violenta num branco, o juiz apitava a falta, e, antes de ser cobrada, o branco tinha direito a revidar a violência. Às vezes até a torcida e a polícia entravam em campo para surrar o infrator escuro. Deu no que deu. Para escapar das surras dos brancos, os negros preferiram evitar as divididas. Em vez de enfrentar os adversários no peito, passaram a iludi-los, fintá-los. Inventou-se o drible, ...”* (Cardoso 1998, 56)

A elite branca ainda tentou uma última cartada, em 1933, adotando o profissionalismo para que ela pudesse ser dona do time, para que os jogadores se sentissem seus empregados. De qualquer maneira, os não-brancos não precisavam

mais colocar uma camada de pó-de-arroz na cara, como aconteceu no campo do Fluminense, em 1912, com o jogador Carlos Alberto.

Mesmo em cidades pequenas já apareciam os times de futebol. A título de exemplo, podemos citar o Esporte Clube Estrela, da cidade de Piquete (SP), criado em 14 de dezembro de 1914. Inicialmente, era mantido através de pequenas contribuições dos operários da fábrica de pólvora denominada, posteriormente, Getúlio Vargas. Durante muito tempo, os jogadores não recebiam salário; somente um *bicho* por vitória, e transporte e lanche quando o jogo era fora da cidade. Acabou se transformando num time da fábrica de pólvora, administrada pelo Exército, o que possibilitava que os operários-atletas tivessem certas regalias.

*“Havia treinos físicos às terças e quintas, e coletivos às quartas e sextas. Nos dias de treinos físicos, os atletas, que também trabalhavam na Fábrica Presidente Vargas, tinham permissão para entrar mais tarde no serviço. Já nos dias de coletivos eram dispensados mais cedo.”* (LGDJ 1998, 2)

Mais tarde, os jogadores eram contratados pela FPV somente para jogar. No final da década de 50, o campo do Estrela já possuía iluminação. E o time se transformou num motivo de orgulho para a cidade, colaborando no acirramento das relações com municípios próximos quando jogava contra o Cachoeira (Cachoeira Paulista), o Hepacaré (Lorena), a Esportiva (Guaratinguetá) e outros.<sup>10</sup>

No período em que as ferrovias – cuja construção foi decorrente da expansão cafeeira – constituíam o principal meio de transporte do país, surgiram diversos times ligados a elas, um tipo de clube-empresa, com as empresas ferroviárias contratando jogadores, construindo estádios, administrando clubes. A companhia inglesa São Paulo Railways, que construiu uma ferrovia ligando Jundiaí (SP) ao porto de Santos<sup>11</sup>, principalmente para o

<sup>(9)</sup> Naquele, e durante um bom tempo, o futebol era jogado em inglês. Goleiro era *goalkeeper*, zagueiro era *back*, meio de campo e centro-avante eram *centre-half* e *centre-forward*. No *match*, dividido em dois *half-times*, o juiz assinalava *off-sides*, *fouls* e *corners*. Nosso triunfo sobre o futebol fez com que isso fosse refletido na linguagem.

<sup>(10)</sup> Em 1976, a FPV passou para o controle da IMBEL; a partir desta data, sem incentivos, o time deixou, praticamente, de existir.

<sup>(11)</sup> Um percurso de 140 km – cuja construção foi iniciada em 1860 – , inaugurado em 1867. Em 1957 foi incorporada pela RFFSA (privatizada em 1996).

escoamento da produção de café, criou (em 16/02/1919) o São Paulo Railway Athletic Club; em 1946, com o fim da concessão, a ferrovia passou a pertencer à União, mudou seu nome para E. F. Santos-Jundiaí e o time passou a se chamar Nacional Atlético Clube, mas mantendo em seu uniforme as cores da bandeira inglesa: azul, vermelho e branco<sup>12</sup>.

O Esporte Clube Noroeste, fundado (01/09/1910) no mesmo ano da criação do Corinthians Paulista, teve uma origem *proletária*: os próprios funcionários da ferrovia; aos poucos, foi apropriado pela empresa e, portanto, pelo Estado. As vantagens, entre outras, para o Estado, tanto no populismo varguista como nos governos militares pós-64, eram o controle do lazer dos empregados e a difusão da imagem paternalista do governo, do *bem* que ele fazia para a cidade, que podia orgulhar-se de possuir um bom time. O Noroeste também exemplifica algumas das muitas características negativas do regime militar. O general que assumiu, como interventor, a direção da E. F. Noroeste do Brasil<sup>13</sup> – e que chegou a presidir o clube –, mudou o nome do estádio pois era de um adversário do regime e tentou mudar as cores do time, principalmente da camisa (vermelha), sugerindo outras cores e, entre elas, a verde-oliva<sup>14</sup>.

A Associação Ferroviária, de Araraquara (SP), foi fundada em 1950 como clube da Estrada de Ferro Araraquarense, criada em 1909 como uma extensão da Companhia Paulista, uma empresa privada que passou para as mãos do governo paulista em 1960<sup>15</sup>. Também existiu a Ferroviária de Botucatu – que não mais disputa campeonatos – que foi criada por funcionários da Estrada de Ferro Sorocabana; esta mesma ferrovia deu origem, em 1930, a um clube

chamado Estrada, em Sorocaba (SP)<sup>16</sup>. Funcionários da extinta Companhia Mogiana de E. F. criaram, em 1933, na cidade de Campinas (SP), o Mogiana, que chegou a ser um dos importantes clubes do interior do estado. Exemplo de algumas mudanças que vêm ocorrendo no futebol brasileiro é o antigo Paulista, da cidade de Jundiaí (SP); criado pela Companhia Paulista em 1909, teve esse nome até 1998, quando se transformou em clube-empresa na atual acepção do termo, mudando seu nome para Etti-Jundiaí e passando a ser administrado pela multinacional Parmalat.

O crescimento deste esporte no país e suas características locais foram transformando-o num símbolo de nacionalidade. Começávamos a ficar conhecidos na Europa<sup>17</sup>, não mais somente pelo café mas também por nossos negros que, com os pés, jogavam bola e dançavam o samba como ninguém. Na década de 1920, com o futebol ainda amador<sup>18</sup>, exportávamos craques: “*os de São Paulo para a Itália, os do Rio para o Prata*” (Santos 1981, 48). Foi nos anos 20 que ocorreram a expansão e a popularização do futebol, um período de efervescência cultural e política, de afirmação de uma consciência nacional. No ano de 1922, por exemplo, foi lançada a pedra fundamental de Brasília, houve a fundação do Partido Comunista Brasileiro, ocorreu a Semana de Arte Moderna e o movimento tenentista (“*18 do Forte*” de Copacabana) e tivemos eleições, nas quais foi eleito o mineiro Artur Bernardes, que governou até 1926 sob “*estado de sítio*”. Em 1928, foi criado o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, representativo da “*nova burguesia*” brasileira – os industriais – e que deu origem à FIESP.

<sup>(12)</sup> No ano de 2.000, o Nacional, com sede na capital paulista, disputava a série A-3 do Campeonato Paulista.

<sup>(13)</sup> A ferrovia, que liga Bauru (SP) a Corumbá (MS) – com um percurso de 1.603 km – foi inaugurada em 1904; em 1957 foi incorporada pela RFFSA (privatizada em 1996).

<sup>(14)</sup> No ano 2000, o *Noroeste de Bauru*, como é conhecido, disputava a série A-3 do Campeonato Paulista.

<sup>(15)</sup> A ferrovia liga Araraquara a Santa Fé do Sul, ambas em território paulista, totalizando 431 km. Em 1970, foi incorporada à FEPASA e, em 1997, privatizada. Quando o clube foi criado, Adhemar de Barros (1901-1969) governava o estado e o estádio chegou a ter seu nome (hoje chama-se Fonte Luminosa). No ano 2000, também disputava a série A-3 do Campeonato Paulista.

<sup>(16)</sup> No ano 2000, disputava campeonato de amadores.

<sup>(17)</sup> Não só o futebol brasileiro mas o sul-americano. Em 1925, nosso futebol chegou na Europa com o Paulistano, que venceu nove das dez partidas lá disputadas. Um ano antes, o Uruguai havia vencido a final dos jogos olímpicos, derrotando a Suíça, e repetiu a dose em 1928 contra a Holanda. Em 1930, no país bicampeão olímpico, foi realizada a primeira Copa do Mundo.

<sup>(18)</sup> Em 1914, foi fundada a Federação Brasileira de Sports que, em 1916, passou a se chamar Confederação Brasileira de Desportos (CBD), reconhecida pela FIFA em 1923; mas somente em 1933 os jogadores são reconhecidos como profissionais.

A informalidade e, principalmente, a pobreza brasileiras fizeram com que chutássemos bola descalços, fato que aumenta a habilidade para driblar. Além disso, o brasileiro já passava a ter uma iniciação precoce, vivia num mundo (notadamente, o masculino) impregnado de futebol, tinha na bola o seu primeiro presente de Natal, além da mania de chutar tudo o que aparecia pela frente, desde que não ameaçasse a estrutura óssea dos pés. Ou seja, começava a treinar quando aprendia a andar. Se antes todo o município possuía uma igreja e um cemitério, hoje, os 5.500 municípios brasileiros possuem igreja, cemitério e campo de futebol.

No final dos anos 20 e início dos 30, sindicatos e grupos de tendência marxista realizaram uma campanha pela *proletarização* do esporte. Procuravam levar para os sindicatos atividades esportivas e assegurar que os trabalhadores dirigissem os clubes de várzea – para evitar manipulações –, visando maior presença nas atividades sindicais. Em 1928, o jornal sindical *O Trabalhador Gráfico* perguntava:

*“Que fazem os jovens nos clubes burgueses?*

*Defendem as cores desses clubes. Se o clube é uma fábrica, é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude de outras empresas. (...) Todo operário **footballer** deve ingressar nos clubes proletários. (...) No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais. (...).”* (apud Decca 1991, 71)

Entravam em campo a manipulação política, a disputa ideológica, o lazer popular, a disputa entre bairros ou cidades ou estados. O futebol vai se transformando numa devoção e aí também entravam em campo as superstições e outros aspectos da religiosidade popular: acender velas, rezar, contratar serviços de *especialistas* em mandingas, transformar a grama em *água benta*

tocando-a e fazendo o sinal da cruz antes de ir para dentro do campo, entrar em campo sempre com o pé direito, ver o goleiro dar três batidinhas com o bico da chuteira na trave direita e correr em volta das traves (para *fechar* o gol) e o atacante comemorar o gol beijando a medalhinha pendurada no pescoço, ajoelhando e fazendo o sinal da cruz, eram atitudes cada vez mais comuns. A nação buscava no futebol a compensação por suas frustrações.

## 2. DE 1930 AO GOLPE DE 1964

Em 1930, os cafeicultores perderam o seu mercado consumidor externo; se as crises dificultavam a venda de produtos essenciais, o que dizer de produtos supérfluos como o café? Perdeu também capitais estrangeiros, que serão usados na recuperação de suas próprias economias nacionais. Apesar do golpe de 1930, o café continuou sendo o principal produto de exportação e o governo procurava garantir o seu preço que, em 1931, caíra para um terço do que fora em 1929. Para evitar a super oferta, milhões de sacas foram destruídas entre 1931 e 1938. A pouca entrada de capitais estrangeiros, a crise econômica, a dificuldade de realizar empréstimos externos (e se conseguidos, os juros eram elevadíssimos), fizeram o governo suspender o pagamento da dívida externa.

Sem moeda estrangeira, era difícil importar maquinofaturados, estimulando a produção interna. Paradoxalmente, a crise econômica proporcionou oportunidades para investimentos industriais.<sup>19</sup> O próprio aumento da população urbana favoreceu a ampliação do mercado de consumo. A indústria foi a personagem principal da recuperação econômica, com o aproveitamento pleno da capacidade existente, ajudada pela pressão política dos industriais – agora mais organizados – e pela facilidade de adquirir equipamentos usados e baratos no mercado internacional. Apesar destes fatores, as mudanças somente foram possíveis graças à atuação do Estado, que se transformou em investidor no setor dos bens de produção e em

<sup>(19)</sup> Entre 1920 e 1929, a taxa média anual de crescimento da agricultura foi 4,1%, e da indústria, 2,8%; entre 1933 e 1939, as taxas foram, respectivamente, de 1,7% e 11,2%. Entre 1920 e 1929, foram criados 4.697 estabelecimentos industriais; entre 1930 e 1939, 12.232.

controlador dos organismos da classe operária. O atrelamento dos sindicatos ao governo possibilitava u'a mão-de-obra mais fácil de ser *domada* e menos *politicada*.

A primeira Copa do Mundo de futebol foi realizada em 1930, no Uruguai, que a venceu; alguns países europeus a boicotaram pelo fato de ter sido realizada num país sul-americano. Os petulantes ingleses se recusaram a participar das primeiras copas do mundo, pois se julgavam superiores e não desejavam jogar com equipes de nível técnico inferior; a primeira participação dos mesmos foi na copa de 1950, no Brasil, onde perderam até para o sofrível time dos EUA. Aqui, após o golpe de 1930, a tentativa de modernizar o nosso *capitalismo* e de ativar a industrialização, continuou necessitando de mão-de-obra barata e, se possível, desorganizada e dócil. Como atraía mais do que podia empregar, garantia os baixos salários. Nas horas de folga dos que trabalhavam e no período ocioso dos que procuravam emprego, o lazer principal e barato era o futebol. Assim como ir ao circo, assistir a um jogo de profissionais também era barato. Emissoras de rádio transmitiam partidas dos grandes times, fato fundamental para se entender a popularização do futebol, a paixão que provocou e os ídolos que gerou.

O Estado Novo, que controlava os sindicatos dos trabalhadores, também criou uma agência especial para os esportes, a Confederação Brasileira de Desportos, que teve como primeiro presidente Luís Aranha, irmão de Oswaldo, o ministro das Relações Exteriores. *“Nacionalismo e trabalhismo eram políticas de massa, a exigirem pontes de ligação com o povo. Uma dessas pontes era o futebol”* (Santos 1981, 60). Apesar disso, o Ministério das Relações Exteriores, em 1938, recomendou que, na Copa da França<sup>20</sup>, o Brasil não escalasse jogadores negros; entretanto, contrariando o

Ministério, a seleção escalou, pela primeira vez, jogadores negros e, entre eles, estavam Domingos da Guia e Leônidas da Silva<sup>21</sup>, as estrelas do time. Já começava a existir o estilo brasileiro de jogar. O sociólogo Gilberto Freyre escreveu:

*“Nossos passes, nossos pitus, nossos despistamentos, nossos floreios com a bola têm alguma coisa de dança e capoeiragem que marca o estilo de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses, e por eles e por outros europeus tão angulosamente jogado. Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol; e este estilo é uma expressão a mais de nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas e em música as técnicas européias e americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas jogo ou arquitetura.”* (apud Cardoso 1998, 57)

Em 1940, a cidade de São Paulo teve o novo Pacaembu; em 1950, foi inaugurado no Rio de Janeiro o maior estádio do mundo: o Maracanã. Na década seguinte, Belo Horizonte teve o Mineirão; e, após 1964, os governos militares facilitavam a construção de estádios em outros centros. Os discursos de Vargas no dia primeiro de maio, para os *trabalhadooooores do Brasil*, eram em São Januário, o campo do Vasco da Gama.

Para quem viveu no período, o *dia mais triste da história do Brasil* foi o fatídico 16 de julho de 1950. Em plena terra do futebol – já não era mais inglês –, após brilhante campanha e só precisando de um empate, fomos vencidos (2x1) na final da Copa do Mundo pelos uruguaios. Para muitos, a culpa foi do goleiro, o negro

<sup>(20)</sup> O Uruguai recusou-se a participar desta Copa em protesto contra a presença da Itália (que acabou vencedora), por causa do apoio do regime fascista italiano a Francisco Franco, destruidor, pela violência, da democracia na Espanha.

<sup>(21)</sup> Leônidas da Silva foi, talvez, *“o primeiro jogador brasileiro a explorar comercialmente o próprio nome”*. (Santos 1981, 38). O jogador, que *“só comia goiabada marca Peixe”*, cedeu o seu apelido para um chocolate que ficou famoso: Diamante Negro. O centro-avante Oswaldo da Silva, também negro, conhecido como Baltazar, foi outro jogador famoso; várias vezes artilheiro do campeonato paulista jogando pelo Corinthians, foi apelidado de *Cabecinha de Ouro* e foi homenageado em músicas (*“Gol de Baltazar”*); em 1954 (4º centenário de São Paulo), o Corinthians foi campeão e ele recebeu, da torcida, um automóvel Cadillac.

Barbosa (o que não é verdade, mas como era necessário um culpado, ...) . Ser vice era pouco para quem tão pouco possuía. Estaríamos fadados a não sermos vencedores? O desastre de 1950 fez até com que os dirigentes mudassem o uniforme de nossa seleção: nos Jogos Olímpicos de 1952, ela vestiu, pela primeira vez, a camisa amarela, transformando-se na *seleção canarinho*<sup>22</sup>. E, além de outras mazelas, começamos a sofrer de *platinismo*, de um complexo de inferioridade frente a argentinos e uruguaios, que possuíam um padrão de vida melhor e, no futebol, o Uruguai já era bi-campeão mundial. Mas, finalmente, fomos redimidos na Suécia, em 1958, fato que nos fez cantar:

*A taça do mundo é nossa,  
com brasileiro, não há quem possa!*

A euforia desenvolvimentista dos anos JK ganhava mais um elemento.

Apesar disso, JK não conseguiu eleger seu sucessor. As eleições foram ganhas por Jânio Quadros, com seu discurso autoritário e moralista e seu populismo barato, que fazia uso de roupas amarrotadas, sanduíches de mortadela no bolso, barba por fazer, para se identificar com o povo. O homem da vassoura tentou dar um golpe, em agosto de 1961, através de uma renúncia. Seu vice, João Goulart, só assumiu após um *golpe branco*: a adoção do parlamentarismo. Durante o período parlamentarista, o Brasil se sagrou bi-campeão mundial de futebol, em 1962, no Chile, graças à atuação de Mané Garrincha. Realmente, no futebol éramos os melhores. Mas, na solução dos outros problemas continuávamos empacados. Em janeiro de 1963 voltou, através de plebiscito, o presidencialismo.

O fracasso do Plano Trienal de Desenvolvimento no combate à inflação e na retomada do crescimento industrial, fez com que Jango optasse pelas Reformas de Base, a partir do comício de 13 de março de 1964, na cidade do Rio de Janeiro. Reforma bancária, reforma universitária, reforma fiscal, reforma agrária, ... A reação, que já vinha sendo preparada, não tardou: em primeiro de abril de 1964 consuma-

-se o golpe, com a deposição do presidente constitucional.

### 3. DO GOLPE DE 1964 AO PLANO REAL

O golpe militar de 1964 deu continuidade ao processo de abertura ao capital estrangeiro, de inserção do Brasil na órbita do capitalismo internacional. Redefinição do papel do Estado, alijamento da população das esferas decisórias, estrangulamento dos sindicatos combativos, concentração de renda e uma reorientação ideológica da educação, foram algumas medidas. A internacionalização da economia foi trazendo uma *estadunização* de nossos hábitos e padrões de consumo. A tecnoburocracia militar e civil, aliada do capital multinacional de origem externa, tornou-se a fração hegemônica agora no poder. Voltava-se a apelar para o "*futuro grandioso*" deste país, que, aliás, nunca chega. Mas esse futuro só poderia ser alcançado com ordem: sem ordem não há progresso, diz o lema positivista e o pendão nacional. Modernizado, este lema foi transformado em "*desenvolvimento com segurança*".

Diversos setores, entre eles o dos estudantes universitários, tentaram resistir às mudanças impostas pelo governo militar. A seleção canarinho pouco ajudou o poder na Copa de 1966. Mal preparada, desorganizada, confiante demais em sua superioridade, foi um fracasso: 11º lugar nos campos ingleses, classificação que só não foi pior que a de 1934, na Itália (14º lugar). Apesar da falta de democracia, o ambiente cultural era agitado, criativo; nos sindicatos ainda havia vida. A resistência provocou um golpe dentro do golpe em 13 de dezembro de 1968, com a decretação do AI-5, que deu plenos poderes à Presidência da República, suspendeu as garantias individuais de todos os cidadãos, estabeleceu a censura nos meios de comunicação, cassou políticos, perseguiu opositores etc, etc, etc.

Na educação, a quantidade passou a vencer a qualidade e a deteriorização almejada para

<sup>(22)</sup> O uniforme da seleção brasileira em 1914 era calção e camisa brancos, com braçadeiras vermelhas; em 1919, o uniforme usado até 1950: camisa branca com gola azul e calção azul.

certos cursos, como os ligados à docência, foi conseguida. O diploma era um símbolo de *status*, de posse de algum saber. Os carros traziam adesivos do curso superior cursado, unindo os dois símbolos: o carro e o diploma. E este era obtido em salas de aula onde a passividade e a não-contestação eram características dominantes, com o **magister dixit**, típico dos períodos anteriores, permanecendo. A expansão da rede privada, do ensino mercantilizado, ampliou as possibilidades de acesso ao diploma, cuja porta de entrada passaram a ser os vestibulares classificatórios – e não mais eliminatórios –, com várias opções de cursos e através de questões com alternativas<sup>23</sup>. Acabaram com os *excedentes* nas portas da universidade; agora são *excedentes diplomados* no mercado de trabalho.

Passava-se a desconfiar do futuro, prometido na euforia das taxas de crescimento econômico e do tri-campeonato conquistado em 1970 no México, amplamente utilizado pelo regime militar<sup>24</sup>. “Ninguém segura este país”, nem no futebol. Esta arte popular será utilizada para superar o nosso complexo de inferioridade. Um regime que excluía o povo, se apropriava de uma arte do mesmo; passou também a comandar os esportes. Os jogadores precisavam de disciplina tática para comandar a batalha; soldado que não obedece, discute ordens e é criativo, devia ser excluído do pelotão. Aqui também eram necessários segurança e desenvolvimento: respeito à disciplina imposta e adoção de métodos modernos, “*como os da Europa*”. A seleção de 70, além de contar com jogadores talentosos, teve uma preparação física de qualidade, com o emprego de “*métodos científicos*” de preparação, com trabalhos de resistência aeróbica, de monitoramento de hemoglobina no sangue e de adaptação a altitudes

mais elevadas. Além disso, dentro do espírito da época, permaneceu aquartelada por quatro meses, treinando especificamente para a Copa do México.

Como em 1974 não se repetiu nos campos o feito de 1970, o almirante presidente da CBD colocou um militar para comandar a *seleção canarinho*<sup>25</sup>. O cartola agora usava quepe; o que não usava, batia continência. No país que era o destaque do futebol mundial ainda se dizia: “*os europeus são melhores*”. Sem perceber que a organização destes em campo, sua ginástica de quartel, era uma maneira de superar a falta de criatividade e não de dar condições para que ela tivesse seu espaço. Durante a ditadura militar, ocorreu um *inchaço* do Campeonato Nacional, através do uso do futebol para fins politiquieiros-eleitorais, como se o lema da antiga CBD fosse: “*Onde a ARENA*<sup>26</sup>*vai mal, mais um clube no Nacional*”. Em 1977, a crise do *pós-milagre* durante o governo Geisel, fez com que o governo federal *torcesse*, a sua maneira, para que o Corinthians Paulista – o clube de maior torcida no estado de São Paulo – vencesse o campeonato estadual, na final contra a A.A. Ponte Preta<sup>27</sup>, o que acabou ocorrendo.

Um técnico de futebol, após o vexame da Copa de 1978 na Argentina, ganha pelo país sede e também usada pela ditadura de lá, chegou a sugerir, num país onde o nanismo é um problema grave, que não se convocassem atletas com menos de 1,75m de altura. Limitação semelhante àquela que o mercado começou a colocar (1º grau completo, boa aparência etc.) para uma população que até do futebol começava a ser excluída pela perda de seus *campos de pelada*. A urbanização desenfreada, especulativa e caótica – o espaço do automóvel era mais importante que o do transporte coletivo e do

<sup>(23)</sup> As médias nos vestibulares caíram e com uma nota 2,0 – a chamada *média do macaco*, pois um grupo deles, na base do assinalar aleatoriamente a alternativa, tiraria essa média – poder-se-ia entrar na faculdade. Segundo a coordenação da assessoria técnica da Fundação CESGRANRIO em 1977, as 22.300 vagas preenchidas naquele ano seriam reduzidas para 1.998 se a média exigida fosse 4,0 e para 602 candidatas se a nota mínima fosse 5,0.

<sup>(24)</sup> Assim como outros ditadores, Garrastazu Médici quis interferir na seleção. Na fase preparatória, o técnico da seleção foi o jornalista João Saldanha. Médici quis, depois, impor a convocação do centro-avante Dario. Saldanha teria respondido: “*Eu não dou palpito em seu Ministério, então o senhor não dá palpito no meu time*”. O técnico no México foi Zagalo e Dario foi convocado, apesar de ficar na reserva.

<sup>(25)</sup> Era presidente da Confederação Brasileira de Desportos – hoje CBF – o **almirante** Heleno Nunes e o técnico da seleção, o **capitão** Cláudio Coutinho.

<sup>(26)</sup> Neste período, existiam somente dois partidos políticos legais: ARENA (*Sim, senhor*), no poder, e MDB (*Sim*).

<sup>(27)</sup> A *Veterana* ou *Macaca* foi, excetuando o Santos F.C., o primeiro time do interior paulista a fornecer jogadores para a seleção nacional; foi vice-campeã paulista em 1970, 1977, 1979 e 1981.

pedestre –, aplaudida como modernização, vai ocupar as várzeas com suas avenidas ou com seus pobres. As áreas dos clubes particulares – o patrimônio privado – serão preservadas. O campo de várzea, o espaço público, que também é do rio nas suas cheias, vai ser destruído; o *celeiro de craques* pobres será destruído pela tecnoburocracia. E a análise espacial, cultural desse fato não será realizada. A geografia, dita científica, se escondeu nas quantificações, a *social* foi calada pela censura, pelas perseguições, e a do livro didático aplaudiu ou nada disse, o que significa que permitiu.

No futebol, o retrato: o alegre ficou triste, o envolvente virou defensivo, medroso. O sonho de milhões de meninos de um dia serem *Pelé*, a urbanização frustrou; até a rua para o bate-bola deixou de existir. A *escolinha de futebol* agora é paga; esse espaço passa a ser garantido para as classes médias e altas, as mesmas que aqui introduziram o futebol, de que o pobre se apropriou, conseguindo superar e realizar o que deveríamos ter feito com a ciência e a tecnologia.

O poder, em 1970, ganhou mais um instrumento de manipulação; mas este, como arte, necessitava de liberdade. A crise do futebol pós-70, assim como da música popular brasileira, da literatura, do teatro, do movimento sindical, da universidade e de outras áreas, não pode ser desvinculada do momento vivido pelo país. Num modelo político-econômico que já não dependia tanto de uma *política de massas*, a rebeldia devia ser punida e ser moderno era estar em dia com os modismos externos. Isto também ocorreu nos ambientes universitários. Havia o autor da moda e o desprezo ao *ultrapassado*. Em muitos campos não se conseguiu fazer o que o povo realizou com o futebol: sobre um conhecimento importado criar algo novo, com a nossa cara, útil para a transformação, do aqui subvivido, em uma sociedade menos injusta, mais humana.

A economia crescia mas o salário real decrescia, fazendo com que a política industrial fosse baseada na expansão dos bens de consumo duráveis e na sofisticação dos produtos, pois os compradores eram os setores minoritários. O fracasso das metas de bem estar à maioria da população foi o que levou à recorrência a

emoções como o futebol e a exaltação da história nacional, para vislumbrar o porvir glorioso do país, já iniciado pelas grandes obras, como a Transamazônica. Neste período, aumentou o poderio da televisão, inclusive da publicidade nela contida, implícita ou explicitamente. Ampliava-se a desigual distribuição de renda e a publicidade, voltada para os mais ricos, criava enormes frustrações, notadamente entre os jovens das camadas pobres, que não podiam adquirir os produtos anunciados. Ainda que não seja esta a única razão, assistiu-se a um aumento da violência cotidiana. Na década de 80 vão ocorrer roubos até de tênis; mais símbolo de status do que esporte, muitos custavam (e custam) mais que um salário mínimo, notadamente os importados.

Em 1982, na Copa da Espanha, a seleção brasileira era uma das melhores e por uma dessas contingências que fazem o futebol ser o que é, amargou um 5º lugar. A nossa necessidade de ganhar, de ser o primeiro lugar, características dos que sempre estão perdendo, dificulta a valorização de um bom time que não ganha, e até de um vice-campeonato. Mas, até que seria uma boa válvula de escape para um povo que sofria com uma dívida externa superior a US\$100 bilhões, com as medidas impostas pelo FMI, com a recessão, o desemprego, o arrocho salarial, a corrupção, o agravamento da miséria e outras características do governo Figueiredo (1979/85). Nem eleger o presidente da República era permitido, apesar da memorável campanha das *Diretas Já*, em 1984.

Em 1986, presidia a República o maranhense José Sarney. Estávamos domando a inflação, o Plano Cruzado “*tem que dar certo*”, até porque a seleção não ajudou muito no México, ficando em 5º lugar. A manipulação do Plano Cruzado, para eleger governadores do PMDB, nos levou ao lugar de sempre, aquele que tem inflação, desemprego, arrocho salarial, desesperança, emigração, ...

Quando recuperamos o direito de escolher o presidente, por diversas razões, o povo escolheu Fernando Collor, um jovem que implorava para não o deixarem só, que prometia um novo Brasil e que começou o governo bloqueando as cadernetas de poupança. Acompanhando a

mediocridade do governo, a seleção brasileira foi um fiasco na Copa de 1990, na Itália. Pouco ajudou, como elemento de manipulação, o Indiana Jones do Terceiro Mundo, destituído legal e pacificamente através de um *impeachment* (por que o termo em inglês?) em 1992. Mas já estávamos importando bugigangas dos Tigres Asiáticos, torcendo para os times de basquete da NBA, cantando em inglês sem entender via programação das FMs, ... ou seja, nos *modernizando*. Ayrton Senna nos devolvia o orgulho que o futebol nos negava, empunhando a bandeira brasileira nas pistas da Fórmula 1. E estávamos exportando jogadores para a Europa; o sonho dos peladeiros era agora internacional.

Em 1994, com mais um vice na presidência (Itamar Franco), a *pátria de chuteiras* (no dizer de Nelson Rodrigues) se preparou para a batalha nos campos da terra do Tio Sam, onde o *foot-ball* é jogado com as mãos, e com os pés chama-se *soccer*. Para lá já havíamos enviado o Rei Pelé (não conseguimos esquecer da monarquia) para ensiná-los. Jogando como europeus, salvos pela genialidade de alguns que atuavam como brasileiros, fazendo do gol um mero detalhe, suando para ganhar dos EUA, fomos campeões porque ganhamos nos pênaltis, graças a um erro de um jogador italiano. Era o *futebol de resultados*. Se você tem mais de trinta anos, faça um teste: você se lembra mais da escalação do time de 1970 ou do de 1994?

#### 4. A COPA DE 1998, NA FRANÇA

Em 1998, o país ainda vivia sob o Plano Real, com baixa inflação, câmbio sobrevalorizado, dívida externa superior a US\$ 200 bilhões, dívida interna de mais de US\$300 bilhões, juros altos, desemprego e violência crescentes. O governo FHC, apesar de possuir maioria absoluta no Congresso, havia passado quatro anos privatizando (e financiando a venda de seus próprios bens) o patrimônio público, volatizando o pouco recebido no pagamento dos juros das dívidas, investindo pouco no social. Conseguiu aprovar a emenda da reeleição, e

passou o ano segurando a moeda para obter dividendos eleitorais. Conseguiu ser reeleito e, no início do ano seguinte, vieram as conseqüências de sua inércia e de sua submissão ao setor financeiro internacional. A economia do país passou a ser gerida pelo FMI.

Em 1998, porém, tínhamos uma preocupação mais importante: ganhar o *penta*. O único país a participar de todas as copas, o único a ganhar o título fora de seu continente (1958, na Suécia), o 1º no ranking da FIFA (apesar de ser o 68º no ranking de desenvolvimento humano), aquele que possuía o melhor jogador do mundo (Ronaldinho), não ia nos decepcionar. Éramos a superpotência mundial no futebol, e grande parte de nossa auto-estima dependia das vitórias da seleção. As agências de publicidade, as emissoras de rádio e TV, as fábricas e as escolas (planejando a dispensa nos horários dos jogos), as indústrias de camisetas, bandeiras, televisores, cerveja etc. já haviam se preparado, pois a Copa do Mundo é hoje muito mais que um simples evento esportivo.

Estima-se que, em 1998, no Brasil, 30 milhões de pessoas – aí incluídos os profissionais, os peladeiros, os que jogam durante os churrascos ou as emocionantes partidas de casados versus solteiros – praticavam o esporte bretão. Praticantes em times, mais ou menos organizados, eram 580 mil, distribuídos por 13 mil times. Oficialmente, eram 589 estádios, com uma capacidade global de receber 5,6 milhões de pessoas. E a partida final do Campeonato Brasileiro de 1997 (Vasco X Palmeiras) chegou a ter uma audiência estimada em 50 milhões de telespectadores. Calculava-se que o futebol empregava, direta ou indiretamente, 300 mil pessoas, o que permite estimar que sustentava perto de 1 milhão de pessoas. Como um todo, o esporte movimentava US\$6 bilhões por ano no Brasil, sendo US\$4 bilhões ligados ao futebol. Em 1997, eram fabricados 3 milhões de pares de chuteiras, 5,5 milhões de pares de tênis para a prática do futebol (de salão e *society*), 6 milhões de bolas, 32 milhões de camisas de futebol. É um grande negócio aqui e no mundo.<sup>28</sup>

<sup>(28)</sup> O futebol movimentava, pelo mundo, US\$ 255 bilhões por ano (a GM, a maior empresa do planeta, US\$ 170 bilhões); para as emissoras de TV é um grande filão pois a Copa nos EUA, em 1994, teve 32 bilhões (somando todas as transmissões) de telespectadores (as Olimpíadas de Atlanta, em 1996, 25 bilhões).

O Brasil não estava somente presente na nossa seleção, na qual grande parte dos titulares atuava no exterior. O Irã se classificou para a Copa comandado por um técnico brasileiro (Badu Vieira), a Arábia Saudita foi à competição com um técnico daqui (Parreira), assim como a Jamaica (Renê Simões). Na final estavam Brasil e França, Ronaldinho e Zidane, Nike e Adidas. O país que teve uma independência sem povo, que possui um Estado sem sociedade civil, um dos campeões de desigual distribuição de renda, estava homogêneo, vestido de verde e amarelo, com a sensação de que formamos uma nação igualitária, onde nada nos diferencia. Nossa auto-estima estava lá em cima, pois neste esporte somos bons e até exportadores. Iríamos ao campo de batalha contra a França no dia 12 de julho e derrubaríamos a Bastilha.

O resultado todos sabem: a França venceu por 3x0. Uma frustração, pois vice é pouco para o país do futebol. Cento e sessenta milhões de técnicos possuíam a explicação no dia seguinte, que ia do esquema tático à escalação deste ou daquele jogador, da ausência de Romário à escalação de Ronaldinho, ao controle da Coca-Cola e da Nike, que eram o FMI da CBF. Tudo isso sem contar com explicações baseadas no horóscopo, nos búzios, na numerologia, ...

## 5. UM POUCO DE POLÍTICA E FUTEBOL

A FIFA se orgulha de possuir mais membros que a ONU (196 contra 186) e envolve quase todos os países nos jogos eliminatórios. Em 1930, disputaram a Copa 13 seleções; em 1994 já eram 24, e na França foram 32 times. O mundo também ampliou o número de Estados. Em 1945 não chegavam a 80, e na África eram somente quatro (em 1998 eram 53). O fim da Guerra Fria, a queda do muro de Berlim em 1989, provocou o surgimento de mais 22 países, sendo 15 da ex-URSS, cinco da antiga Iugoslávia e a divisão da Tchecoslováquia.

Já em 1938, o Uruguai se recusou a participar da Copa da França em protesto contra o apoio do governo de Benito Mussolini aos

militares franquistas durante a guerra civil espanhola. Aliás, o regime fascista italiano foi um dos primeiros a politizar o futebol; o *Duce* se referia aos jogadores como “*soldados a serviço da causa nacional*”, e eles retribuíram vencendo as copas de 1934 e 1938, sem deixar de cantar antes de cada jogo o seu hino nacional, com trechos como “*Fomos por séculos/ Pisados e escarnecidos/ Porque não estávamos unidos,/ Porque estávamos divididos. / ... / Estejamos prontos para a morte/ A Itália chama.*” Mas, em 1998, a mídia italiana criticou os jogadores por não cantarem o hino nacional, quando ele era executado no início das partidas. A Alemanha, derrotada na IIª Guerra Mundial, pôde, após vencer a equipe de maior inovação e sucesso, a húngara, cantar o hino *Deutschland Uber Alles* (Alemanha Acima de Tudo). Na Copa de 1990, o chanceler alemão Helmut Kohl disse sobre a equipe alemã: “*Essa seleção alemã está repleta das antigas virtudes de nossos combatentes.*” (apud Bertolotto 1998, 8)

O país criador do futebol só conseguiu ser campeão em 1966, quando foi sede da competição. A primeira copa da qual os ingleses participaram foi a de 1950, pois se recusavam a jogar com times “*de nível técnico inferior*”. O nome do país é Reino Unido e assim participa de todas as modalidades esportivas, exceto no futebol. A FIFA reconhece, separadamente, Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. Apesar do nome *United Kingdom*, o hino “*God Save the Queen*”, composto quando se lutava contra os escoceses Stuart, que pretendiam a coroa britânica, refere-se aos “*truques miseráveis*” dos inimigos e fala em “*esmagar os escoceses*”. Estes, quando participam, cantam: “*Esses dias são passado agora,/ E no passado devem ficar,/ Mas nós podemos nos erguer agora,/ E ser uma nação de novo*”. E, apesar da falsa fama de cavalheiros, são famosos o racismo e a violência dos *hooligans*<sup>29</sup> ingleses. Nas partidas entre as equipes nacionais da Inglaterra e da Escócia, sempre há violência entre as torcidas (como em 21/05/88, quando houve um morto e 82 feridos).

<sup>(29)</sup> Esta palavra significa arruaceiro, bademeiro, e é utilizada para caracterizar os torcedores europeus mais violentos, notadamente ingleses, alemães e holandeses.

Antes de a Argélia ficar independente da França em 1962, jogadores argelinos que atuavam em times franceses abandonaram seus clubes, formaram uma seleção e excursionaram pela Europa, para divulgar a causa da independência. Em 1969, após uma partida violenta entre as duas seleções nacionais, Honduras foi invadida por El Salvador, conflito que ficou conhecido como Guerra do Futebol; morreram cinco mil pessoas. O conflito entre os dois países era antigo, envolvendo demarcação de fronteiras. Em 1992, a Corte Internacional de Justiça pôs fim aos 139 anos de conflito entre os dois países. Em 1970, durante o *milagre brasileiro*, o presidentemilitar tentou impor a convocação de um jogador e depois se aproveitou como pôde da vitória da seleção, para garantir a manutenção do modelo e da repressão. Nas eliminatórias daquela Copa, *“Israel competiu no grupo da Oceania, já que seus vizinhos árabes recusavam-se a jogar contra o inimigo.”* (Tamada 1998, 5) A FIFA, aliás, tem tentado promover um jogo entre as seleções de Israel e da Palestina.

Em junho de 1998, a Palestina foi aceita na FIFA, antes de ser reconhecida como Estado. Como resultado do Acordo de Oslo (1993), a Faixa de Gaza e as grandes cidades da Cisjordânia passaram a ser controladas pela Autoridade Nacional Palestina (ANP). O problema é que as pessoas não podiam se deslocar, entre estes dois territórios separados, sem a permissão de Israel, e este impedia o deslocamento de jogadores que haviam participado da *Intifada*<sup>30</sup>. Isto impedia a Palestina de abrigar algum jogo de sua seleção principal, pois metade de seus jogadores havia participado da *Intifada*<sup>31</sup> e não podia se deslocar entre as duas áreas. A seleção palestina possuía 24 atletas treinando em Gaza – nas areias da costa mediterrânea – e outro tanto na Cisjordânia – em áreas montanhosas –, e o time titular era uma fusão (cinco da primeira e seis da segunda região). O próprio técnico, um

argentino<sup>32</sup>, possuía licença de Israel para trabalhar três dias da semana em Gaza e os outros na Cisjordânia. Também, por imposição de Israel, o time só podia se reunir em um terceiro país e se nele ocorresse um torneio internacional.

Existia um Campeonato Palestino, com o vencedor da Cisjordânia jogando contra o melhor da outra área, em uma única partida; em 1998, venceu um time de Gaza, que jogou *fora de casa* e que contou com apenas 13 jogadores, pois cinco haviam sido barrados pelas autoridades israelenses. Em Israel, o futebol era profissional, mas nos territórios palestinos os jogadores somente recebiam ajuda de custo (nos clubes e na seleção). A aposta atual é nos juniores, pois a geração com mais de 23 anos em 1999, foi comprometida pela Intifada. O desejo da FIFA de realizar uma partida entre Israel e Palestina ainda não tinha se realizado (em junho de 2000), por recusa do primeiro<sup>33</sup>. Ocorrida a independência, os palestinos precisarão solucionar o problema dos transportes pois, em 1999, não havia ligações diretas e independentes entre as duas áreas ; a ligação aérea dependia da construção de um aeroporto na Cisjordânia.

Sinais de que a federação iugoslava formada por Tito após a 2ª Guerra Mundial estava no fim, foi um jogo, no dia 13/03/90, entre Dynamo de Zagreb e Estrela Vermelha de Belgrado. As hostilidades entre as torcidas croata e sérvia resultaram em mais de 60 feridos. Em 1991, já existiam a Croácia e a *nova* Iugoslávia, e estes dois países foram, de uma certa maneira, impedidos de participar da Copa de 1994 por causa da Guerra da Bósnia (1992/95). Mas os iugoslavos não deixaram de cantar o seu hino nacional : *“Ainda latente a voz de nosso ancestral/.../ Que o traidor de sua pátria seja maldito, seja maldito”*. Para os croatas, a participação na Copa de 98 foi muito importante; além do ótimo resultado (3º lugar) em sua

<sup>(30)</sup> Intifada (*despertar* ou *sacudir*, no sentido de se livrar de alguma coisa ) foi um levante de jovens palestinos, armados de paus e pedras, contra as forças de ocupação israelenses. Começou em 09/12/87 em Gaza e, depois, na Cisjordânia ; durou até 1993. Neste período, aglomerações eram proibidas e existia o toque de recolher às 17 horas; nos conflitos, morreram trezentos israelenses e mais de mil palestinos.

<sup>(31)</sup> Um exemplo era o atacante titular, Aiman Sandukha, que, por ter participado da Intifada, foi, aos doze anos, para uma prisão juvenil e dali só saiu quatro anos depois. Na prisão não havia bola nem quadra, e a proibição de atividades físicas deixou seqüelas no jogador.

<sup>(32)</sup> Aprovado em um concurso do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), que procurava um treinador e um preparador físico para ajudarem a organização de uma seleção nacional palestina de futebol.

<sup>(33)</sup> O que pode ter sido, na época, providencial para a Palestina devido a distância entre seu amadorismo (190º no *ranking* das seleções da FIFA) e o profissionalismo de Israel (30º).

primeira participação, o fato significava mais uma etapa na luta pela afirmação nacional e tornava o país mais conhecido no mundo. Antes da divisão da Tcheco-Eslováquia, também ocorreram conflitos violentos entre os torcedores do Sparta, de Praga, e do Slovan, de Bratislava. A República Sul Africana somente pôde participar a partir de 1994, quando foi abolido o *apartheid*.

A Copa de 1998 também teve aspectos políticos importantes. A classificação do Irã fez com que, na comemoração, ocorressem desvios das leis islâmicas, do modo como são interpretadas pelos aiatolás. Houve uma explosão de alegria, que a polícia não conseguiu conter. As pessoas cantavam nas ruas (o que lá não era permitido) e algumas mulheres jogavam o manto que cobria o rosto (chador) para o alto. Quando os jogadores chegaram, cinco mil mulheres gritavam fora do estádio, já que eram proibidas de assistir aos jogos ou de assistir a eles misturadas aos homens. Por ironia, o Irã caiu na mesma chave que os EUA, e o jogo entre eles foi cercado de uma grande expectativa e de um certo temor. Para os iranianos, vencer a seleção do *Grande Satã* era o equivalente a ganhar a Copa; e venceram por 2x1. Para alguns analistas, o jogo poderia representar, para as relações entre os dois países, o mesmo que jogos de pingue-pongue tiveram no restabelecimento das relações entre os EUA e a China na década de 1970.

A Nigéria, o país mais populoso da África, era esperada como uma das prováveis “*surpresas*”; não foi e, talvez, a razão estivesse no fato de o ditador do país, o general Sani Abacha, interferir demais: chegou a escalar o time em algumas ocasiões e deu a palavra final na contratação de um técnico europeu. Na Espanha, o técnico Javier Clemente, de origem basca, era acusado de proteger os jogadores de sua região; já em Bilbao, a principal cidade basca, era criticado pelo fato de dirigir a seleção espanhola. Aliás, para sorte dos bascos, o hino espanhol não tem letra. Entretanto, a Frente Popular pela Independência das Ilhas Canárias

cantou de alegria quando a Espanha foi derrotada pela Nigéria, dizendo em nota divulgada que o resultado era “*uma alegria para grande parte do povo canário*”.

A seleção francesa também se destacou nos debates sobre nacionalidade. Seu astro Zinedine (*Zizou*) Zidane é um francês filho de argelinos, discriminados na França quase do mesmo modo que os turcos na Alemanha. O lateral-direito Thuram chegou ao país aos nove anos, como imigrante: viera de Guadalupe, território francês no Caribe e, até 1996, sua mãe era empregada doméstica em Paris. O meia Bernard Diomede também nasceu em Guadalupe; o goleiro reserva Bernard Lama, na Guiana Francesa; o meia Patrick Vieira, em Senegal e o zagueiro Marcel Desailly, em Gana, uma ex-colônia britânica. Dos 22 jogadores que compunham a seleção francesa, treze eram de origem estrangeira<sup>34</sup>. Ou seja, o colonialismo foi o responsável pela França ser campeã. E esses jogadores ainda tinham que cantar a Marselhesa. “*Às armas, cidadãos/ Formem seus batalhões/ Marchemos, marchemos/ Que um sangue impuro/ Encharque nosso solo*”. O racista e xenófobo Jean-Marie Le Pen, líder da Frente Nacional (criada em 1972, na ressaca dos movimentos rebeldes de 1968, e que obteve 15,5% dos votos na eleição de 1998), não reconhecia o time como uma seleção francesa. Depois chegou a dizer que *Zizou* (talvez para não pronunciar Zidane, um nome árabe) era um resultado do “*poder civilizador*” dos colonizadores europeus.

O mundo está globalizado, os Estados perderam a sua função, os nacionalismos foram superados, dizem. Na realidade, após a queda do Muro de Berlim (1989), verificamos uma eclosão de movimentos nacionais, muitos deles saindo vitoriosos. O problema é que na luta é que se criam vários hinos nacionais, e nos campos esportivos, ditos como *festas de confraternização*, muitos hinos de guerra são cantados, razão de termos citado alguns trechos. Os brasileiros exigem *raça* do time e os jogadores que sabem o hino

<sup>34</sup> Aí incluídos dois descendentes de famílias armênias e um filho de argentino. O censo de 1990 mostrou que existiam 3,5 milhões de estrangeiros na França (não incluí os filhos de estrangeiros com nacionalidade francesa), 6% da população. A maior comunidade era de portugueses (645 mil), depois os argelinos (620 mil), seguido pelos marroquinos. O maior goleador numa copa (13 gols) foi Just Fontaine, nascido em Marrocos.

cantam: “*Verás que um filho teu não foge à luta/ E nem teme quem te adora a própria morte*”. Os belgas, divididos entre flamengos e valões, entoam: “*Oh, Bélgica, oh, mãe querida/ A ti nossos corações, a ti nossos braços/ A ti nosso sangue, oh Pátria*”. Os argentinos, os “*européus sul-americanos*”, dizem: “*Coroados de glória vivemos/ Ou juremos com glória morrer*”. O Chile, que aturou o general Pinochet, que chegou ao poder ajudado pela CIA: “*Se pretende o canhão estrangeiro/ nossos povos ousados invadir,/ saibamos vencer ou morrer*”. O México, “*tão longe de Deus e tão perto dos EUA*”, integrante do NAFTA, canta trechos que ficariam melhores na boca do Exército Zapatista: “*Guerra, guerra sem trégua ao que intente/ Da Pátria manchar os braços!/ Guerra, guerra!*”

Com hinos assim, belicosos e politicamente incorretos, é de se estranhar a pouca violência dos jogos. Patrocinados por multinacionais que, geralmente, retiram muito mais do que investem em seus países, estão lá, perfilados, os onze “*defensores da pátria*”. Os japoneses, pelo menos, são mais ecológicos, apesar de inverterem o processo de erosão; no lugar de “*la muerte o la gloria buscar*” dos mexicanos, entoam: “*Governai, meu senhor,/ Até que os que agora são seixos/ Se transformem através das eras/ Em poderosos rochedos*”. Mas seria até um atestado civilizatório se o campo de futebol se transformasse no único lugar de confrontos nacionais, desde que esses não ocorressem nas arquibancadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol é algo complexo, pois tem sido um incentivador do sentimento nacional graças à atuação de “*astros multinacionais*”, de atletas que atuam no exterior mas voltam para defender a pátria, incentivados por prêmios em dinheiro. Recusar-se a defender a seleção é uma traição à pátria. As seleções, no entanto, não somente

representam a pátria, mas também os patrocinadores, que chegam a decidir até os amistosos dos times, segundo suas conveniências econômicas. Do modo que as coisas caminham, os times nacionais perderão seus atuais nomes e torceremos para clubes chamados Coca-Cola, Pepsi, Parmalat, Nike, Adidas, Reebok, ...

O uso político não se restringe, é claro, ao futebol. A Radio Marti, cuja finalidade é desestabilizar o governo cubano<sup>35</sup>, incluiu em suas transmissões lutas de boxe ou partidas de beisebol, esportes prestigiados pela população cubana, quando as mesmas têm a participação de exilados cubanos. Para muitos povos, aqueles que são campeões em esportes coletivos com a “*camisa da pátria*” ou ganham medalhas olímpicas, são heróis nacionais. Durante a Guerra Fria, muitos ficavam prestando atenção ao número de medalhas dos EUA e da URSS. Hoje tem gente parafraseando a frase do general prussiano Karl von Clausewitz, como ocorreu numa manchete do jornal britânico *Times*: “*O futebol é a continuação da guerra por outros meios*”.<sup>36</sup>

No Brasil, onde o segundo cargo mais importante da República é o de técnico da seleção, o presidente FHC chamou os que duvidavam de que a seleção seria campeã de *fracassomaníacos*. E, apesar de vice em 1998, o futebol permanece vivo, com os jogadores de destaque representando uma imagem de sucesso social entre os seus semelhantes. Por isso, continua um meio de ascensão social para os pobres, principalmente numa sociedade como a nossa: individualista, altamente estratificada e que, através dos baixos níveis (quantitativos e qualitativos) de habitação, salário e escolaridade, mantém as camadas mais pobres “*em seus devidos lugares*”.

Aí também há muita ilusão; os jogadores bem remunerados são poucos (como demonstra a tabela a seguir), mas a exposição constante de seus padrões de vida pela mídia passa a idéia de que é a vida da maioria.

<sup>35</sup> A Radio Marti e a TV Marti, nome do poeta herói da independência cubana, foram criadas no governo Reagan e são subsidiadas (US\$ 13 milhões por ano) pelo governo dos EUA. A rádio iniciou suas operações em 1985 e a TV em 1990; funcionam 24 horas por dia com a finalidade de derrubar, através de informações que pretendem desestabilizadoras, o regime implantado em 1959.

<sup>36</sup> A frase original é: “*A guerra é a mera continuação da política por outros meios*”.

**Tabela 1.** Salários oficiais dos jogadores no Brasil.

Salário mínimo	Nº de jogadores	%
Até um	8.638	52,8
De um a dois	4.987	30,5
De dois a cinco	1.289	7,9
De cinco a dez	436	2,7
De 10 a 20	293	1,8
Mais de 20	701	4,3
Total	16.344	

Fonte: CBF, apud FSP, 14/2/99, c.4, p.1

O quadro econômico do futebol é semelhante à situação do país. O PNAD, realizado pelo IBGE em 1997, mostrou que apenas 1,8% dos brasileiros ganhava mais de 20 salários-mínimos; 16,7% recebiam até um salário-mínimo mensal, 12,2% entre um e dois salários-mínimos, e 40,9% foram classificados como “*sem rendimento*” (são sem remuneração fixa, trabalham para a própria família etc.). Cabe lembrar que o valor do salário-mínimo era de R\$130,00 (pouco mais de US\$ 107 em dezembro de 98 e o equivalente a US\$69 em fevereiro de 99), quando o DIEESE calculava que, para uma família de quatro pessoas, o salário-mínimo de janeiro de 1999 deveria ser de R\$ 880,00 (US\$465,00).

O futebol é uma das nossas poucas apresentações eficazes de nação, o jogo do “*escrete canarinho*” nos dá aquela coesão imaginária imaginada para outros campos. O historiador francês Pierre Milza disse: “*O futebol contribui para a manutenção de um nacionalismo residual, dando espaço para bruscos e efêmeros crescimentos do chauvinismo durante os jogos internacionais*”. (apud Bertolotto 1998,8) O sociólogo Alain Touraine afirmou que

*“Numa sociedade onde muitas pessoas perderam suas raízes, numa sociedade de produção e consumo, o esporte traz um elemento de identificação que corresponde a essa sociedade de massas, mas que cria relações de proximidade, em lugar de*

*intensificar o desenraizamento”.*  
(Touraine 1998, 9)

Num mundo onde o capital está globalizado, e a principal potência procura impingir seu *modus vivendi* a todo o planeta, o futebol, por mais manipulado que seja, ainda é um tipo de apropriação nacional. Seria melhor se ele fosse somente diversão e que as associações esportivas não fossem dirigidas por aproveitadores, manipuladores ou mafiosos. Seria melhor que, como parte da indústria cultural do capitalismo, não fosse apropriada para servir aos interesses das grandes corporações transnacionais.

É claro que devemos lutar contra o fanatismo exacerbado. Em qualquer campo ele é perigoso, tanto no nacionalismo (há experiências amargas no século XX) quanto no fundamentalismo religioso (seja com a Bíblia, o Corão ou o Torá), pois sempre resulta em ódio cego, racismo e xenofobia. Mas, em que lugar a gente pode, somente gritando, mudar o dirigente ou o treinador? Onde, após uma semana de trabalho, a gente pode descarregar a tensão dirigindo termos deselegantes à progenitora do juiz? Onde pessoas desconhecidas se abraçam após um gol? E, se depois de tudo, o nosso time vence, é difícil ver um lugar com tanta alegria reunida. Por isso, apesar de tudo o que foi dito sobre a manipulação do esporte, a atitude mais racional é, no final de semana, vestir uma camisa preta e branca, pegar a bandeira e sair cantando<sup>37</sup>:

*“Brasil está vazio na tarde de domingo, né? / É!... / olha o sambão / Aqui é o país do futebol...*

*No fundo desse país, / Ao longo das avenidas, / Nos campos de terra e grama. / Brasil só é futebol. / Nestes 90 minutos de emoção e alegria / esqueço a casa / e o trabalho / a vida fica lá fora / Brasil está vazio... (etc)*

*A cama fica lá fora / a cara fica lá fora / a fome fica lá fora / a briga fica lá fora / grana fica lá fora / gaita fica lá fora / o tempo fica lá fora / o homem fica*

<sup>(37)</sup> “*Aqui é o país do futebol*”. Música de Milton Nascimento e Fernando Brandt para o filme “*Tostão, a fera de ouro*”; gravada na Odeon em 30/01/70.

*lá fora / a conta fica lá fora / tudo fica lá fora...*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTOLOTTO, Rodrigo. "O mundo entre duas traves". *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Folha da Manhã, 21 jun. 1998, c.4, p. 8-9.
- BERTOLOTTO, R., STAROBINAS, M. "Seleção partida ao meio." *Folha de São Paulo*. São Paulo: Folha da Manhã, 02 mai 1999, p.8, c.4.
- BOMBIG, José Alberto. Primeiros clubes-empresas agonizam na 3ª divisão. *Folha de São Paulo*. São Paulo: Folha da Manhã, 30 abril 2000. p. 1 e 5, c.4.
- CARDOSO, Maurício. "Futebol na raça". *Veja*, São Paulo: v.31, n.1, 07 jan. 1993. p. 54-63.
- DECCA, M. Auxiliadora Guzzo de. *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil, 1880 a 1930*. - São Paulo: Atual, 1991.
- L.G.D.J. "Estrela - campeão 1948". *O Estafeta*. Piquete, v.2, a.II, n. 21, p.2, out./1998.
- NEVES, Margarida de Souza, HEIZER, Alda. *A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910*. 3ª ed. São Paulo: Atual, 1991.
- NOSSO século. - São Paulo: Abril Cultural, 1980, v.1. 1900/1910.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. - São Paulo: Brasiliense, 1981 (coleção tudo é história, 20).
- TAMADA, Marcelo. "A bola rola (e o mundo gira)". *Ulysses*. São Paulo, v.2, n.2, p.4-5, maio 1998.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. "Nos hinos nacionais, raiva e ameaças". *Veja*, São Paulo, Abril, 24 jun. 1998, p. 142.
- TOURAINÉ, Alain. "Esporte cria relações de proximidade". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1998. Folha da Manhã, p.9, c.4.

## QUADRO CRONOLÓGICO

Datas (e governantes)	O Brasil nas Copas do Mundo	Fatos históricos mais marcantes
1863 (D. Pedro II)	O <i>foot-ball</i> foi criado na Inglaterra	Guerra de Secessão nos EUA
1894 (Floriano Peixoto)	Charles Miller chegou ao Brasil com duas bolas e um livro de regras	A Revolta da Armada no Rio de Janeiro e a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul
1919 (Delfim Moreira e Eptácio Pessoa)	Brasil foi campeão sul-americano do futebol	Tratado de Versalhes; greves operárias em Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba e Niterói.
1930 (Washington Luís)	1ª Copa do Mundo, no Uruguai. O Brasil ficou em sexto lugar (o Uruguai foi campeão)	Júlio Prestes foi eleito mas um golpe colocou na presidência Getúlio Vargas. A gaúcha Iolanda P. Souto foi eleita Miss Universo. Carmen Miranda gravou seu primeiro disco ( <i>Tai</i> ).
1934 (Getúlio Vargas)	Copa na Itália (a campeã); Brasil: 14º lugar.	Morreu Padim Ciço; foi fundada a USP; ocorreu a 1ª greve de funcionários públicos e começou, na China, a Longa Marcha liderada por Mao-tse-tung.
1938 (Getúlio Vargas)	Copa na França. A Itália foi campeã e o Brasil ficou em 3º lugar. O brasileiro Leônidas da Silva foi o artilheiro da competição (8 gols).	Morreram, em Sergipe, Lampião e Maria Bonita; foi fundada a UNE; a Alemanha nazista invadiu e anexou a Áustria; Graciliano Ramos publicou <i>Vidas Secas</i> e Carmen Miranda gravou a música <i>Paris</i> (usada, em 1998, para um comercial de sandálias)
1950 (Dutra)	4ª Copa, no Brasil, que perdeu na final para o Uruguai por 2x1. Inaugurado o Maracanã, o maior estádio do mundo (oficialmente, 173.850 pagantes no jogo final)	Adhemar Ferreira da Silva igualou o recorde mundial (16m) de salto triplo. Inaugurada a TV Tupi, a primeira da América Latina. Publicado o livro <i>Geopolítica da Fome</i> , de Josué de Castro.
1954 (Vargas e Café Filho)	Copa na Suíça. A Alemanha sagrou-se campeã, a Hungria foi o destaque e o Brasil o 5º lugar	Suicídio de Vargas. Por duas polegadas a mais nos quadris, Marta Rocha perdeu o título de Miss Universo. Bill Halley ( <i>Rock around the clock</i> ) e Elvis Presley ( <i>That's all right, mama</i> ) fizeram sucesso.
1958 (JK)	6ª Copa, na Suécia. Brasil foi o campeão e é, até hoje, o único a conquistar uma Copa fora de seu continente.	Maria Esther Bueno venceu em Wimbledon (o primeiro dos seus 20 títulos de <i>Grand Slam</i> ), foi apresentado o primeiro automóvel fabricado por estrangeiros no Brasil (o Sedan, da DKW Vemag) e João Gilberto, Tom e Vinícius lançaram a bossa nova.
1962 (João Goulart)	7ª Copa, no Chile. Brasil bicampeão e Garrincha o destaque do Mundial.	Morreu Cândido Portinari, instituiu-se o 13º salário e o filme <i>O pagador de promessas</i> (de Anselmo Duarte) ganhou a Palma de Ouro em Cannes.
1966 (Castello Branco)	Copa na Inglaterra, a campeã. Brasil caiu na 1ª fase e ficou em 11º lugar.	A sonda <i>Surveyor I</i> , dos EUA, é o primeiro artefato a pousar na Lua. Foi instituído o FGTS; na TV estreou o programa <i>Jovem Guarda</i> , liderado por Roberto Carlos; <i>A Banda</i> (Chico Buarque) e <i>Disparada</i> (Vandré/Théo de Barros) venceram o IIº Festival da MPB
1970 (Médici)	9ª Copa, no México. Brasil tri-campeão. A taça Jules Rimet é nossa (depois foi roubada, o ouro derretido, ...)	Morreram Charles de Gaulle, Jimi Hendrix e Janis Joplin. Separação dos Beatles. Sequestrados, no Brasil, o cônsul do Japão e os embaixadores da Alemanha e da Suíça. Censura, repressão aos opositores e início da construção da Transamazônica.
1974 (Geisel)	Copa na Alemanha, que se sagrou campeã. O destaque foi o <i>carrossel holandês</i> e o Brasil ficou em 4º lugar.	Perón morreu, Nixon renunciou e João Havelange foi eleito presidente da FIFA (e ficou até 1998). Emerson conquistou o bi-campeonato na F-1 e a ponte Rio-Niterói foi inaugurada.
1978 (Geisel)	Copa na Argentina, que foi a campeã. Brasil, invicto e em 3º lugar, se considerou o "campeão moral".	Morreram Paulo VI e João Paulo I; eleito João Paulo II. Nasceu o primeiro bebê de proveta. O AI-5 foi revogado e a censura à imprensa, suspensa.
1982 (Figueiredo)	Copa na Espanha. Itália campeã e o Brasil, com uma das melhores equipes, ficou em 5º lugar.	Morreu Elis Regina. Inauguração de Itaipu, foi lançado o CD, e houve a Guerra nas Malvinas.

1986 (Sarney)	Copa no México; Argentina campeã e Brasil em 5º lugar.	Lançado o Plano Cruzado. Epidemia de dengue no Brasil e acidente nuclear em Chernobyl.
1990 (Collor)	Copa na Itália, com a Alemanha sagrando-se campeã. O Brasil ficou em 9º lugar.	Morreram João Saldanha, Luiz Carlos Prestes e Cazuza. Ayrton Senna bi-campeão de F-1. A poupança dos brasileiros foi confiscada. Completou-se a unificação alemã e, após 27 anos, Mandela deixou a prisão.
1994 (Itamar Franco)	15ª Copa, nos EUA. O Brasil é tetra.	Morreram Ayrton Senna e Tom Jobim. Brasil: campeão mundial de basquete feminino. Lançado o Plano Real. Mandela foi eleito presidente da R.S.A.
1998 (FHC)	Copa na França, que foi campeã. Brasil foi vice pela segunda vez.	Quebra econômica dos <i>Tigres Asiáticos</i> e da Rússia. Monica Lewinsky ficou famosa. Ronaldo da Costa bateu o recorde mundial de maratona, no Japão. Lançado o filme <i>Central do Brasil</i> . FHC foi reeleito, o Viagra chegou ao Brasil, Ratinho e Tiazinha fizeram sucesso na TV, Pe. Marcelo Rossi foi campeão de vendas de CD, ...